

## REMANESCENTE DE UM PATRIMÔNIO ESQUECIDO: NOSSA SENHORA DO PILAR E A CAPELA DO REGISTRO VELHO\*

Eduardo Abrantes Campos\*\*

**Resumo:** Este artigo objetiva evidenciar o valor cultural e a relevância histórica da escultura de Nossa Senhora do Pilar, enquanto principal remanescente da capela setecentista que existiu na Fazenda do Registro da Borda do Campo, estrategicamente localizada no entroncamento dos caminhos Novo e Velho para as Minas do Ouro. A referida propriedade rural guarda estreita relação com os primórdios da colonização do território e com outros fatos e personagens notáveis da história de Minas Gerais e do Brasil. A recente identificação da escultura devocional no mercado de antiguidades abriu espaço para um estudo desse importante bem cultural, a partir de informações reunidas em fontes primárias, associadas a algumas notas técnicas e certas produções historiográficas. Espera-se, assim, oferecer uma pequena contribuição ao resgate da memória cultural e religiosa da localidade de origem, que lamentavelmente se perdeu ao longo dos anos.

**Palavras-chave:** Arte Sacra, Nossa Senhora do Pilar, Registro Velho, Caminho Novo, Minas Gerais.

**Abstract:** This article aims to highlight the cultural value and historical relevance of the sculpture of Nossa Senhora do Pilar, as the main remnant of the eighteenth-century chapel that existed in the Fazenda do Registro da Borda do Campo, strategically located at the junction of the Novo and Velho paths to Minas do Ouro. This rural property is closely related to the beginnings of the colonization of the territory and with other notable facts and characters in the history of Minas Gerais and Brazil. The recent identification of devotional sculpture in the antiquities market has opened space for a study of this important cultural asset, based on information gathered from primary sources, associated with some technical notes and certain historiographical productions. It is hoped, therefore, to offer a small contribution to the rescue of the cultural and religious memory of the place of origin, which unfortunately has been lost over the years.

**Keywords:** Sacred Art, Nossa Senhora do Pilar, Registro Velho, Caminho Novo, Minas Gerais.

### INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva evidenciar o valor cultural e a relevância histórica da escultura de Nossa Senhora do Pilar, enquanto principal remanescente da capela setecentista mineira que existiu na Fazenda do Registro da Borda do Campo, também conhecida pelo nome de Fazenda Registro Velho ou, simplesmente, Fazenda do Registro.

A referida propriedade rural guarda estreita relação com a abertura do Caminho Novo para as Minas do Ouro, com a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo,

---

\* Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação em História da Arte Sacra da Faculdade Dom Luciano Mendes. Profa. Orientadora: Dra. Adalgisa Arantes Campos.

\*\* Bacharel em Direito. Bacharelando em Filosofia. Especialista em História da Arte Sacra. Membro do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em História da Arte, Arquitetura e Patrimônio. E-mail: [abrantescampos@yahoo.com.br](mailto:abrantescampos@yahoo.com.br)

com os primórdios fundação da Vila de Barbacena e com outros fatos e personagens notáveis da história de Minas Gerais e do Brasil.

De modo geral, as pesquisas acadêmicas associam a Fazenda do Registro Velho ao estudo do Caminho Novo, bem como à biografia do seu mais ilustre proprietário, o inconfidente Padre Manoel Rodrigues da Costa [1754-1844].

Todavia, é escassa a investigação acerca do templo religioso que existiu naquela localidade até a segunda metade do século XIX e que serviu de sede paroquial entre 1730 e 1748. Da mesma forma, pouco se conhecia sobre as características formais e estilísticas da escultura devocional que certamente ocupava o trono do retábulo-mor, pois há muito tempo ela já não se apresentava à exibição pública e o seu paradeiro era incerto.

A recente identificação da imagem de Nossa Senhora do Pilar no mercado de antiguidades abriu espaço para um estudo desse importante bem cultural, a partir de informações reunidas em fontes primárias, associadas a algumas notas técnicas e certas produções historiográficas.

O interesse maior dessa pesquisa repousa no fato de que tal escultura é o remanescente mais significativo da primitiva capela, constituindo, pois, um elemento novo para fomentar o resgate da memória cultural e religiosa da sua localidade de origem, que lamentavelmente se perdeu ao longo dos anos.

## **1. A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DA BORDA DO CAMPO E A ORIGEM DE BARBACENA**

O município de Barbacena, MG, tem a sua origem vinculada à expansão das bandeiras paulistas pelo interior das Minas e, particularmente, à abertura do Caminho Novo<sup>1</sup>, iniciada em 1698 por Garcia Rodrigues Paes, primogênito de Fernão Dias Pais Leme, e terminada por seu cunhado, Domingos Rodrigues da Fonseca Leme.

Vencendo as subidas da Serra da Mantiqueira ao tomar por caminho a Garganta do Embaú, os desbravadores se estabeleceram na cabeceira daquele que restaria chamado de Rio das Mortes,

---

<sup>1</sup> O Caminho Novo foi aberto como alternativa mais viável para ligar o litoral do Rio de Janeiro ao interior de Minas Gerais.

na região que ficou conhecida como Borda do Campo ou Campolide<sup>2</sup>. A partir de então, começaram surgir as primeiras povoações ao redor das primitivas fazendas, merecendo destaque a homônima Fazenda da Borda do Campo e a Fazenda do Registro da Borda do Campo<sup>3</sup>.

Nas imediações da Fazenda do Registro - hoje correspondente, em parte, ao distrito de Dr. Sá Fortes, no município de Antônio Carlos<sup>4</sup> - havia grande circulação de pessoas, por se tratar de local de pouso de tropas e de registros necessários ao controle aduaneiro e à arrematação de impostos durante o primeiro quartel do século XVIII<sup>5</sup>, tendo em vista a sua posição estratégica, no entroncamento dos caminhos Novo e Velho para as Minas Gerais.

O registro da Borda do Campo<sup>6</sup> já aparece nominado como “Registro Velho” na produção cartográfica da segunda metade do século XVIII<sup>7</sup>, pois ele “teria sido transferido por razões de segurança para o local onde passou a ser identificado como sendo o registro de Mathias Barbosa” (COSTA, 2015, p. 86)<sup>8</sup>.

---

<sup>2</sup> A denominação é uma referência à localidade onde foi instalada uma “Casa da Companhia de Jesus, em Lisboa, em cuja igreja se encontra uma belíssima imagem da Senhora da Piedade. Uma reprodução dessa imagem, trazida por imigrante de Lisboa ou talvez padre jesuíta, terá dado nascimento à tradicional devoção, cujo templo em Minas assinala o belo planalto da Mantiqueira, com seus panoramas deslumbrantes e seus ares puríssimos” (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 168).

<sup>3</sup> Segundo Alexandre Miranda Delgado, a sede da Fazenda do Registro Velho é “talvez a mais antiga edificação de Minas, e uma das casas mais históricas do Estado” (DELGADO *apud* BARBOSA, 1995, p. 279).

<sup>4</sup> A edificação histórica da sede da Fazenda do Registro Velho se localiza nos limites territoriais de Barbacena, sendo este o município de referência para os tombamentos municipal (Lei 2.956/93) e federal (proc. 1.358-T-95).

<sup>5</sup> O Cel. Domingos Rodrigues da Fonseca Leme foi instituído Cobrador das Estradas e Provedor dos Quintos, estabelecendo o Registro da Borda do Campo (VANCONCELOS, 1904, p. 158).

<sup>6</sup> No rol das reivindicações do movimento que ficou conhecido como a Revolta de Felipe dos Santos constava, para além da extinção das Casas de Fundição, a “isenção de se pagar impostos no registro da Borda do Campo, pois isto provocava muitos incômodos” (MARTINO, 2014, p. 19).

<sup>7</sup> A título de exemplo, o “Mappa da Comarca do Rio das Mortes pertencente a Capitania de Minas Gerais que mandou descrever o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Antônio de Noronha Governador e Capitão General da mesma Capitania segundo as mais exctas informaçoes”, elaborado por José Joaquim da Rocha, em 1777.

<sup>8</sup> Os Registros existentes no Caminho Novo são muito bem representados no mapa da viagem realizada por John Mawe, em 1812.

Não obstante, a região do Registro Velho foi bastante próspera durante os séculos XVIII e XIX, sendo importante entreposto comercial e local de pouso daqueles que circulavam pelos caminhos oficiais<sup>9</sup>.



Fig. 1 – Sede da Fazenda do Registro Velho, fachada principal. Situação em 29.12.2005. Foto: Alessandro Borsagli. Fonte: Acervo de Alessandro Borsagli.



Fig. 2 – Sede da Fazenda do Registro Velho, fachada lateral. Situação em 29.12.2005. Foto: Alessandro Borsagli. Fonte: Acervo de Alessandro Borsagli.



Fig. 3 – Sede da Fazenda do Registro Velho, fachada principal. Situação em 04.10.2021. Foto: Eduardo Abrantes Campos. Fonte: Acervo de Eduardo Abrantes Campos.



Fig. 4 – Sede da Fazenda do Registro Velho, fachada posterior. Situação em 04.10.2021. Foto: Eduardo Abrantes Campos. Fonte: Acervo de Eduardo Abrantes Campos.

Nos primórdios da ocupação bandeirante, ainda no ano de 1702, sob a administração de Manoel de Sá Figueiredo e por determinação de seu sogro, Garcia Rodrigues Paes, foi construída, na Fazenda do Registro, a Capela de Nossa Senhora do Pilar (MASSENA, 1984, v. 2, p. 245).

Em decorrência da privilegiada localização da Borda do Campo, bem como do número crescente de seus habitantes, no desfecho do ano de 1725<sup>10</sup>, foi criada a Freguesia de Nossa

<sup>9</sup> Conhecidos viajantes estrangeiros deixaram relatos e descrições importantes acerca daquela localidade, seus habitantes e costumes. São eles: John Mawe [1809-1810], Auguste de Saint-Hilaire [1816-1822], Georg Heinrich von Langsdorff [1824-1825], Robert Walsh [1828-1829] e Francis Castelnau [1843-1847]. Uma curiosa apresentação do lugarejo, com sua capela, é feita pelo Barão de Langsdorf, nos seguintes termos: “Depois de 1 ½ léguas, chegamos ao Registro velho, que fica às margens do rio das Velhas [Mortes], que nasce nesta região, onde é ainda incipiente. Há várias casas e uma capela, que dão ao lugar o aspecto de aldeia. O local é agradável e alegre, e as casas têm quase todas um aspecto simpático.” (SILVA, v. 1, 1997, p. 23).

<sup>10</sup> Na esteira de outros historiadores locais, Nestor Massena situa a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo ainda no ano de 1725, pois “a 13 de janeiro de 1726 lavra-se, na Vila de São José do

Senhora da Piedade pelo quarto Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Antônio de Guadalupe<sup>11</sup>, com sede na Capela da Fazenda da Borda do Campo<sup>12</sup>, onde funcionou até o ano de 1730, quando, então, passou a servir de Matriz a Capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho, até que fosse construída uma igreja paroquial em sítio conveniente, grandeza proporcionada e decência devida<sup>13</sup>.

O início das obras da nova Matriz foi retardado até o mês de julho de 1743, ocasião em que os moradores daquela região resolveram levar adiante a empreitada, no tempo em que era vigário da freguesia o Padre Manoel da Silva Lagoinha<sup>14</sup>. Realizado pregão público no adro da Capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho, o serviço de taipa foi arrematado pelo mestre taieiro João de Faria, sendo lavrada a escritura aos 5 de novembro de 1743; já as obras de madeira foram arrematadas pelo mestre carpinteiro João Batista Franco e Sebastião Rodrigues Salgado, lavrando-se a respectiva escritura aos 4 de novembro de 1743<sup>15</sup>. Para dar início às obras foi necessária licença do quinto Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei João da Cruz, o qual mandou passar a Provisão de Ereção e ordenou ao referido vigário a demarcação do lugar, o que feito aos 09 de dezembro daquele ano, com a fixação de uma cruz e a realização de um grande festejo (TRINDADE, 1945, p. 61).

Nesse contexto, importa ressaltar que a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo – que viria a desempenhar a função da fábrica

---

Rio das Mortes, o termo de abertura do primeiro livro de óbito da nova paróquia” (MASSENA, 1985, v. 2, p. 246). Trata-se, aqui, da instituição canônica da citada freguesia, já que a sua criação - ou ratificação - no âmbito civil só veio a acontecer por meio do alvará régio de 03 de novembro de 1750, após consulta à Mesa de Consciência Ordem em 30 de outubro do mesmo ano, possibilitando a atribuição de natureza colativa à paróquia, através do alvará régio de 16 de janeiro de 1752 (MASSENA, 1985, v. 2, p. 219).

<sup>11</sup> “Em 19 de agosto de 1726, Dom Frei Antônio de Guadalupe, em visita pastoral à Capela do Registro Velho, dá as primeiras providências para a construção da Matriz da Borda de Campolide. Demarcou-lhe o sítio, a saber: ‘numa chapada, no alto e meyo de um campo livre de pensão e foro, porque realengo, vizinho da fazenda chamada Caveyra de Estevam dos Reis Mota e seu sócio e parente José Pinto dos Reis...’” (TRINDADE, 1945, p. 61)

<sup>12</sup> Segundo Augusto de Lima Júnior, embora “canonicamente fosse aí a sede da paróquia, a pequena capela de taipa era coisa insignificante diante das outras ermidas da região. Nem o Sacramento ali se encontra pois o Vigário se mudara para o Registro Velho, amedrontado pelos assaltos de índios e quilombolas que já o tinham incomodado” (LIMA JÚNIOR *apud* MASSENA, 1985, v. 2, p. 245-246).

<sup>13</sup> Em 1738, já tinha sido requerida a licença para a ereção da “Igreja Nova” de Nossa Senhora da Piedade, nas terras da Fazenda da Caveira de Cima (MASSENA, 1985, v. 2, p. 227).

<sup>14</sup> Para tanto, foram constituídos quatro procuradores: Antônio da Consta Nogueira [Fazenda do Barroso], Antônio Rodrigues Torres [Fazenda das Lavras Novas], Jacob Dias de Carvalho [morador na sua fazenda] e João Calheiros de Araújo [Fazenda Samambaya], conforme consta do Livro de Obras da Freguesia de N. Sra. da Piedade de Barbacena (1726-1750).

<sup>15</sup> AEAM - Livro de Obras da Freguesia de N. Sra. da Piedade de Barbacena (1726-1750), C-17.

paroquial<sup>16</sup> – já havia sido fundada e certamente foi instalada na Capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho, pois existe no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana um inventário dos seus bens, elaborado em 16 de março de 1747<sup>17</sup>, isto é, quando aquele pequeno templo pilarista ainda servia de Matriz<sup>18</sup>.

Foi somente em 15 de novembro de 1748 que Dom Frei Manoel da Cruz, primeiro bispo da recém-criada Diocese de Mariana, expediu duas provisões mandando entregar ao culto a “Igreja Nova” de Nossa Senhora da Piedade do arraial da Borda do Campo, com a trasladação da fábrica paroquial que havia na “Igreja Velha” [Capela de Nossa Senhora do Pilar], e também que se benzesse a pia batismal e se demarcasse e se benzesse o adro e um cemitério suficiente<sup>19</sup>. Estando a obra ainda por terminar, foi o templo entregue ao culto no dia 27 de novembro daquele ano e designado Matriz da freguesia, oportunidade em que o respectivo vigário, Padre Antônio Pereira Henriques, realizou a benção, colocou as imagens dos santos, trasladou a fábrica paroquial e disse missa; no mesmo ensejo, benzeu a pia batismal e demarcou o cemitério e o adro<sup>20</sup>.

A transição da “Igreja Velha” para a “Igreja Nova” na região da Borda do Campo bem exemplifica o processo de desenvolvimento e organização social nos primórdios da colonização em Minas Gerais, a partir da estabilização dos núcleos de povoação que iam se formando. A esse respeito, registra Sylvio de Vasconcellos:

Esquemáticamente, assim se manifesta o fenômeno: a princípio, nas povoações primitivas, apenas tentadas, unem-se os indivíduos em torno de uma única capela, de construção precária, núcleo de povoação nascente e ponto de referência do lugar. Nesta capela se reúne o povo em suas festas e aperturas, para deliberar e alegar-se, povo ainda todo irmão, sem diferenciações maiores, igualmente esperançoso e homogêneo.

Se o lugar progride, alguns se enriquecem, outros permanecem pobres, aparece um novo tipo de atividade e de gente: o comércio. Começam a se definir as classes sociais: pobres, ricos, trabalhadores braçais, comerciantes, administradores, brancos, pretos,

<sup>16</sup> A Irmandade do Santíssimo Sacramento, por vezes, desempenhava a função da fábrica paroquial, “promovendo obras arquitetônicas, reunindo demais irmandades em prol de um objetivo comum, pleiteando recursos junto à Coroa e ao Senado da Câmara e celebrando um calendário festivo integrado com o da diocese. Por esse motivo consistia em grande prestígio agremiar-se aos seus quadros, ou mais ainda, participar de sua mesa diretora.” (CAMPOS, 2011, p. 103).

<sup>17</sup> AEAM – Livro da Irmandade do Santíssimo da Freguesia de N. Sra. da Piedade - Barbacena (1747-1795), C-27. Tal inventário dá conta de ricas alfaias, objetos do culto em prata (custódia, varas do pátio e do provedor, cruzeiros e lanternas processionais), além de outras peças utilizadas em rituais e procissões da Semana Santa.

<sup>18</sup> Sobre o uso coletivo da Capela de Nossa Senhora do Registro Velho, Diogo de Vasconcelos, em *Historia Antiga de Minas Gerais*, escreveu: “Tempos adiante fez-se necessário ao fisco erigir-se em distancia a Igreja Nova (Barbacena) para o culto público, que se celebrava na Capella do Registro, uma das mais sumptuosas, que houve na antiguidade” (VASCONCELOS, 1904, p. 158).

<sup>19</sup> AEAM - Livro de Obras da Freguesia de N. Sra. da Piedade de Barbacena (1726-1750), C-17.

<sup>20</sup> AEAM - Livro de Obras da Freguesia de N. Sra. da Piedade de Barbacena (1726-1750), C-17.

etc. A localidade tende a estabilizar-se, exigindo paróquia provida de vigário próprio. A classe de maior recurso, recém-constituída, trata de construir a matriz. (VASCONCELLOS, 1978-1979, p. 16)

Assim, a “Igreja Nova” de Nossa Senhora da Piedade - que passou por modificações arquitetônicas até a sua louvação em 1764<sup>21</sup> - constitui o marco fundacional do arraial que, em 1791, foi elevado à condição de vila com o nome de Barbacena<sup>22</sup>. A partir da nova Matriz foi estabelecido o arruamento do arraial, com a construção das primeiras casas. Segundo Waldemar de Almeida Barbosa, o “despacho de Gomes Freire de Andrada, de 9 de dezembro de 1747, determinava que o engenheiro Alpoim<sup>23</sup> demarcasse o espaço do arraial, ‘determinando o sítio das casas e das ruas’” (BARBOSA, 1995, p. 42-43).



Fig. 5 – Gravura de Heaton & Rensburg. Praça de Barbacena. Fonte: Marinho (2015).

<sup>21</sup> A Irmandade do Santíssimo Sacramento decidiu pela substituição do frontispício de taipa por outro de pedra e cal, segundo o risco do sargento-mor José Fernandes Pinto Alpoim, bem como pela construção de torres com mais seis palmos de altura e uma palmo de largura nas sineiras (MASSENA, 1952, p. 59). Conforme anota José Cipriano Soares Ferreira, em 9 de maio de 1756 esse serviço foi arrematado pelo mestre pedreiro Manoel Alves Pereira (FERREIRA *apud* MARTINS, 1974, v. 2, p. 122). Ultimada a obra em 1764, o serviço executado foi aceito pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, após ouvir os peritos nomeados, Francisco Antônio e Bento Moreira, que a consideraram “perfeita e bem acabada” no dia 16 de julho daquele ano (FERREIRA *apud* MARTINS, 1974, v. 1, p. 294).

<sup>22</sup> O nome da vila se liga ao título nobiliárquico de Luiz Furtado do Rio de Mendonça, Visconde de Barbacena, que foi Governador e Capitão-Geral de Minas Gerais ao tempo da Inconfidência Mineira.

<sup>23</sup> Segundo Augusto de Lima Junior, o referido engenheiro militar projetou diversas fortalezas e edifícios públicos no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, bem como “várias igrejas e capelas, cujos riscos se encontram no Arquivo da Mesa de Consciência e Ordens, em Lisboa. Entre as igrejas de planta riscada por Alpoim, uma das mais características do estilo alentejano é a matriz de Barbacena” (LIMA JÚNIOR *apud* MASSENA, 1985, v. 1, p. 445-446).

## 2. A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO PILAR DO REGISTRO VELHO: REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS E BENS INTEGRADOS

A Capela de Nossa Senhora do Pilar achava-se implantada próximo à sede Fazenda do Registro Velho e o seu adro servia de cemitério local. Uma breve descrição da arquitetura do templo e respectivos bens integrados foi veiculada por José Cipriano Soares Ferreira, no extinto periódico local *Imprensa*, de 6 de fevereiro de 1936:

Edificada ao lado esquerdo da casa era pouco maior que a da Borda: tinha capela-mor e altares laterais, grades, púlpito, porta transversal, côro e alpendre, além do adro em torno, que servia de cemitério geral. (FERREIRA *apud* MASSENA, 1951, p. 20)

Assim, pode-se conceber que a Capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho, com sua fachada alpendrada, seguia o partido tradicional da arquitetura religiosa rural dos primórdios da colonização portuguesa, um típico exemplar do estilo chão<sup>24</sup> [ou chã], que antecedeu a chegada do barroco em Minas Gerais e “se caracteriza, sobretudo, pela austeridade, linearidade e regularidade das edificações” (CAMPOS, 2001, p. 46). Provavelmente apresentava planta regular, composta de nave única e capela-mor, esta de largura e pé-direito menores, ladeada por sacristia.

A partir de alguns vestígios materiais<sup>25</sup> e dos elementos descritivos citados, é possível representar, sem muito rigor e precisão, o traçado arquitetônico da Capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho, no provável local da sua implantação:

---

<sup>24</sup> “Tradução portuguesa de *plain style*, expressão usada para designar o estilo austero e desornamentado que vigorou na arquitetura portuguesa nos séculos XVI e XVII” (OLIVEIRA, 2014, p. 120).

<sup>25</sup> Os alicerces da capela foram encobertos pela construção de um galpão, mas ainda hoje é possível identificar alguns indícios do que provavelmente seria parte do embasamento e/ou do adro do templo.





Fig. 6 – Possível representação arquitetônica da Capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho e seu entorno. Modelagem 3D: Túlio Bones.

Referências arquitetônicas semelhantes são encontradas na vizinha Capela de Nossa Senhora da Piedade da Fazenda da Borda do Campo<sup>26</sup> e também na Capela de Nossa Senhora da Penha de França que jazia ao lado da sede da Fazenda Ponta do Morro<sup>27</sup>, no município de Prados, MG.

Característica marcante das fachadas das capelas rurais desse período é o alpendre coberto de telhas, com elementos estruturais em madeira, encimado por um pequeno óculo. Também é típico o frontão triangular, ladeado eventualmente por pináculos sobre os cunhais, com uma cruz no vértice.

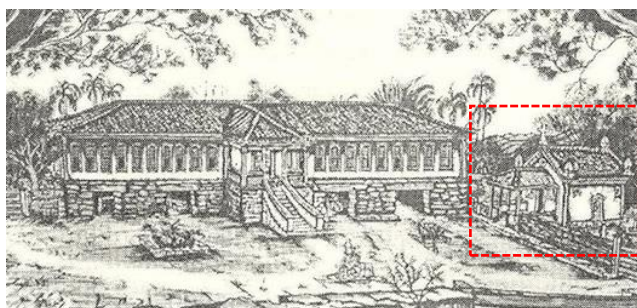


Fig. 7 – Ilustração da Fazenda Ponta do Morro. Fonte: Vale (2000). Demarcação da capela feita pelo autor.



Fig. 8 – Capela de Nossa Senhora da Piedade da Fazenda Borda do Campo. Data desconhecida. Fonte: Acervo de Luiz Álvaro C. M. Esteves.

<sup>26</sup> A Fazenda da Borda do Campo veio a pertencer ao inconfidente Cel. José Ayres Gomes, servindo também de palco para outros fatos e personagens da história mineira.

<sup>27</sup> A Fazenda Ponta do Morro pertenceu, por herança, à Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, esposa do inconfidente Cel. Francisco Antônio de Oliveira Lopes, o qual era irmão do também inconfidente Padre José Lopes de Oliveira.

### 3. DE MATRIZ PROVISÓRIA À CAPELA CURADA: PATRIMÔNIO, PADROEIROS E CAPELÃES

Com a transferência da sede paroquial para o Arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo aos 27 de novembro de 1748, a Capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho passou à condição de capela filial destinada a assistência dos habitantes daquela localidade<sup>28</sup>.

No Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana acha-se uma documentação esparsa<sup>29</sup>, dando conta da instituição do patrimônio e rendimentos próprios da referida capela, provisão de padroeiro e designação de capelão, tudo sob a chancela da autoridade diocesana.

Sobre tais documentos, importa ressaltar, primeiramente, a certidão de transcrição de uma escritura do patrimônio e doação que fez Manoel de Sá de Figueiredo da Capela do Pilar do Registro Velho da Borda do Campo em 19 de dezembro de 1748, ou seja, logo após a transferência da sede paroquial para a “Igreja Nova” de Nossa Senhora da Piedade. Por tal instrumento, o primitivo administrador [ou já proprietário] da Fazenda do Registro Velho provia o templo pilarista de patrimônio e rendimento próprios, constituindo sua fábrica<sup>30</sup>, com a doação da quantia de seis oitavas de ouro no rendimento da fazenda em cada ano.

Consta, ainda, que em 04 de janeiro de 1749 foi feito o registro da “sentença Cível de Padroado, dada a favor do Capitão Manoel de Sá e Figueiredo”, outorgando-lhe, “sem prejuízo do Direito da Mitra e do Parochial a dita regalia de Padroeiro” da citada capela.

Em razão disso, foi passada pelo primeiro Bispo de Mariana, Dom Frei Manoel da Cruz, a respectiva “Provisão do Padroado da Capella de Nossa Senhora do Pilar Filial da freguesia da Borda do Campo a favor do Capitão Manoel de Sá Figueiredo”, a qual “servio de Matriz sendo agora filial da nossa Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo com

---

<sup>28</sup> Do rol dos vigários da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade elaborado até 1949 por Massena (1952, p. 7-8) é possível extrair aqueles que exerceram o seu ministério quando a Capela de Nossa Senhora do Pilar servia de Matriz provisória: Pe. Luiz Antônio de Castello Branco [27.02.1727 a 20.06.1732]; Pe. José de Freitas [27.07.1732 a 07.06.1740]; Pe. José Felipe de Gusmão e Silva [1º.02.1741 a 15.07.1741]; Pe. José de Freitas [15.07.1741 a 26.06.1742]; Pe. Simão Gonçalves de São José – interino [03.07.1742 a 26.06.1743]; Pe. Manoel da Silva Lagoinha [21.07.1743 a 12.08.1746]; Pe. Manoel de Loureiro [17.08.1746 a 28.12.1747]; Pe. Francisco de Almeida Faria [22.01.1748 a 31.03.1748]; Pe. Manoel Pereira de Azevedo – interino [27.04.1748 a 31.07.1748]; Pe. Antônio Pereira Henriques [17.10.1748 a 09.01.1750].

<sup>29</sup> AEAM – Caixa 1 de Patrimônio Local – Barbacena - Período 1896 (f. 1-8v).

<sup>30</sup> A expressão pode ser mais bem compreendida a partir do trecho do verbete composto por Bluteau (1789, p. 590): “*Fabrica da Sacristia, ou da Igreja, as rendas applicadas ás despezas da Sacristia, e reparos da Igreja, &c.*”.

clausula d esta não ter vigor sem primeiro ser registrada nas partes onde pertencer e com a de todos os anos apresentar Clerigo capaz de ser Capellao”. Ao padroeiro foi determinado que “traga a dita Capella com todo aceio, ornada e paramentada com os ornamentos das quatro cores, e o mais necessário em razão do que lhe concedemos faculdade como padroeiro para poder nomear Capellão sendo este por nós aprovado”.

Na mesma documentação também se vê que, ano de 1755, foi registrada uma “provisão de Capellão a Capella de N. S. do Pilar do Registro Velho a favor do Rv<sup>o</sup> Pe. Silvestre Coelho”, capela esta “filial da freg da Borda do Campo”.

Nesse contexto, cumpre ressaltar que durante o Padroado Régio<sup>31</sup> era prática comum na colônia transferir para pessoas [padroeiros] ou associações leigas [irmandades, confrarias e ordens terceiras] os dispendiosos encargos com a manutenção do culto religioso, o que era tido como uma verdadeira “regalia”, conforme menciona o trecho da provisão episcopal ora transcrito. Competia-lhes, contudo, o dever de primar pelo asseio e decência do templo, o qual era alvo de inspeção de clérigos visitantes.

No ano de 1824, Dom Frei José da Santíssima Trindade, sexto Bispo de Mariana, realizou uma vista pastoral à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Vila de Barbacena, ratificando, no respectivo provimento, a Capela do Registro Velho como filial da Matriz de Nossa Senhora da Piedade, no tempo em que o Padre Manoel Rodrigues da Costa integrava o clero local e era o seu capelão<sup>32</sup>.

Assim, após ter deixado de ser sede paroquial, a Capela de Nossa Senhora do Pilar, segundo o regramento eclesiástico, passou à condição de capela curada, isto é, provida da assistência regular de um clérigo designado ou confirmado pelo bispo para atender às necessidades espirituais daquele primitivo povoado.

---

<sup>31</sup> “O termo ‘Padroado’ (do latim *Patronatus*) significa tutor ou protetor. Geralmente o fundador de uma capela ermida, de uma igreja, de um hospital ou convento era chamado de patrono (ou benfeitor) e acabava recebendo honorarias e privilégios em razão dos investimentos feitos” (CAMPOS, 2011, p. 31). A “organização eclesiástica que se desenvolveu na colônia americana portuguesa, e que prevaleceu até fins do período imperial, foi estritamente dependente do Padroado Lusitano. O rei concentrava em suas mãos a jurisdição espiritual e eclesiástica, responsabilizando-se pela administração dos bens, rendimentos, edificações, e reparações dos templos em geral, bem como do provimento dos objetos necessários ao culto, sustentando seus ministros, indicando os reverendos vigários e apresentação dos bispos titulares das dioceses” (CAMPOS, 2011, p. 32).

<sup>32</sup> No rol das capelas curadas pertencentes à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena, consta a “capela de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho, a três quartos de légua da vila, com pouca decência” (SANTÍSSIMA TRINDADE; POLITO, 1998, p. 197).

Auguste de Saint-Hilaire, em sua passagem pela região, relatou ter presenciado um curioso ato de culto público na Capela do Registro Velho, quando o Padre Manoel Rodrigues da Costa ali se encontrava reunido com cerca de trinta fiéis:

Tinham-me falado do proprietário do Registro Velho, o padre *Manoel Rodrigues da Costa*, como de um agricultor notável; e, de volta da minha viagem, fui visita-lo. Estava então no seu oratório, ocupado em rezar as preces da tarde em meio a uma trintena de pessoas, na maioria negros e negras, e tomei lugar entre os assistentes. Justamente nesse momento todos se prostraram, e o sacerdote se poz a recitar, em honra de Jesus-Christo, ladainhas que indicavam o numero exacto das bofetadas e chicotadas que recebeu, das gotas de sangue que correram de suas chagas, e até das lágrimas que derramou pelos nossos pecados. A cada artigo das litanias, a capella vibrava com o ruído das bofetadas que se applicavam os presentes, e todos respondiam *Louvado seja Deus*. Quando as ladainhas terminaram, cantaram-se em honra à Virgem algumas orações, ao som do violão, e em seguida todos se retiraram. Saudei o sr. Manoel Rodrigues à porta da capella; fez-me entrar em sua casa, e respondeu a minhas perguntas com bastante complacencia. (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 112)

O reverendo Robert Walsh, também de passagem por ali, narrou a chegada de um pitoresco cortejo para a realização de um batizado. No relato do seu encontro com o Padre Manoel Rodrigues da Costa, ele faz uma breve descrição das características físicas do sacerdote [alto, magro e senil], ressaltando sua erudição e habilidades, bem como a qualidade de sua biblioteca e demais dos bens que guarneciam sua residência (WALSH, 1830, p. 237-240).

A família do Padre Manoel Rodrigues da Costa foi proprietária da Fazenda do Registro Velho a partir da segunda metade do século XVIII. Segundo José Cipriano Soares Ferreira, o pai do referido sacerdote, Coronel Manoel Rodrigues da Costa, foi sepultado no interior da Capela de Nossa Senhora do Pilar aos 17 de dezembro de 1785. Com a morte do seu então padroeiro, a capela passou aos cuidados da viúva, D. Joana Tereza de Jesus, servindo de capelão o seu filho sacerdote. O último sepultamento dentro da referida capela ocorreu aos 06 de janeiro de 1851, por ocasião do falecimento do Coronel Francisco Rodrigues da Costa, único irmão que sobreviveu ao referido padre (FERREIRA *apud* MASSENA, 1951, p. 20).

O Padre Manoel Rodrigues da Costa foi, sem dúvida, uma das figuras mais importantes daquela freguesia. Além de clérigo destacado, também se notabilizou na agricultura e na política. Na Fazenda do Registro Velho hospedou o Tiradentes, tomando parte na conjuração, conforme noticiam os *Autos de devassa da Inconfidência Mineira* (2016, v. 1, p. 199-202; 2016, v. 5, p. 487-499). Após o seu retorno do degredo em Portugal [1804], intensificou seus investimentos

na agricultura com novas tecnologias trazidas da metrópole<sup>33</sup>, sem, contudo, deixar de participar de outros episódios políticos<sup>34</sup>. Foi na sua residência no Registro Velho que o referido sacerdote hospedou Dom Pedro I no ano de 1831<sup>35</sup> e se reuniu com os chefes da Revolução Liberal de 1842.

#### **4. A RUÍNA DA CAPELA DO REGISTRO VELHO E A DESTINAÇÃO DOS SEUS BENS MÓVEIS**

Segundo a historiografia local, a Capela de Nossa Senhora Pilar do Registro Velho parece ter entrado em ruínas na segunda metade do século XIX. Alguns de seus pertences - dentre eles a imagem de Nossa Senhora do Pilar - foram recolhidos ao oratório instalado no interior da sede da fazenda. A esse respeito, e ressaltando o estado de abandono da capela após os anos que seguiram ao último sepultamento nela realizado em 1851, escreveu José Cipriano Soares Ferreira no informativo *Imprensa*, edição de 23 de fevereiro de 1936:

Abandonada e deserta desde então, foi caindo em ruínas e em poucos meses desapareceu por completo a Igreja Velha, sem deixar vestígio algum nem ao mesmo do cemitério, em que desabrigados repousam até hoje tantos dos primeiros povoadores da antiga paróquia da Borda do Campo. (FERREIRA *apud* MASSENA, 1951, p. 20)

Conceição Jardim, em obra publicada no ano de 1940, também fez expressa referência aos bens móveis remanescentes da “Capela Matriz do Registro Velho”, especialmente a escultura do orago, informando, ainda, o declínio da edificação a partir da morte do Padre Manoel Rodrigues da Costa [1844] até o seu completo desaparecimento:

A fazenda do Registro Velho ainda conserva a imagem de N. Senhora do Pilar, o velho missal e os antigos paramentos do Padre Manoel Rodrigues, havendo a Capela Matriz do Registro Velho, depois de 1844, caído em ruínas e desaparecido por completo em meados do século passado. (JARDIM, 1940, p. 21)

---

<sup>33</sup> Durante o degredo, o sacerdote traduziu do francês o *Tractado da cultura dos pessegueiros*, publicado em Lisboa, no ano de 1801, pela Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego, então dirigida pelo reconhecido naturalista Frei José Mariano da Conceição Veloso, também nascido na Capitania de Minas Gerais.

<sup>34</sup> O Padre Manoel Rodrigues da Costa mobilizou esforços em prol da independência do Brasil, sendo eleito membro da Assembleia Constituinte e deputado para a primeira legislatura do Império. Foi condecorado por D. Pedro I com as ordens de Cristo e do Cruzeiro, bem como nomeado cônego honorário da Capela Imperial.

<sup>35</sup> Segundo os registros oficiais da viagem, Dom Pedro I se hospedou no Registro Velho entre os dias 11 e 17 de janeiro de 1831, fazendo sua entrada solene na Vila de Barbacena aos 15 dias daquele mês. Foi recepcionado sob o pátio e conduzido até à Matriz, onde, de uma tribuna preparada, assistiu missa e *Te Deum* antes de se reunir com lideranças da região. Durante sua estadia na Fazenda do Registro Velho o Imperador também se divertiu em uma manhã de caça.

Essas notas se conjugam com a documentação da capela existente no Arquivo Eclesiástico de Mariana<sup>36</sup>, da qual consta uma carta subscrita aos 10 de agosto de 1894 pelo secretário do bispado, Mons. Júlio Bicalho, que - tendo “encontrado o Patrimônio da Antiga Capella de N. S. do Pilar da Borda do Campo no registro velho” - solicita informações ao vigário e promotor da comarca de Barbacena a respeito de quem estava na posse da respectiva fazenda e tudo mais que poderia interessar à instituição eclesiástica. Em resposta datada de 19 de agosto 1894, o Mons. José Maria Ferreira Velho informa que tal proprietário é o Sr. Francisco Rodrigues da Costa Alves<sup>37</sup> e que soube que a imagem de Nossa Senhora do Pilar que estava na Capela do Registro foi recolhida à casa do referido senhor, onde ele próprio - o vigário - teve a oportunidade de vê-la na ermida ou oratório que se achava dentro da residência.

A presença da imagem de Nossa Senhora do Pilar e de outros pertences da antiga capela recolhidos ao interior da sede da fazenda também foi testemunhada por José Cipriano Soares Ferreira, consoante notícia que ele veiculou no informativo *Imprensa*, edição de 23 de fevereiro de 1936:

Nossa Senhora do Pilar, um crucifixo e algumas outras imagens da extinta capela foram recolhidos à ermida da fazenda, em uma das alcovas da sala, onde as vimos em nossa visita a 4 de março deste; ai também se conserva o cálice, a pedra d'ara, um missal impresso em Lisboa no ano de 1775, os velhos ornamentos do padre Manoel Rodrigues; nisso consistem, pois, as únicas relíquias que ainda restam da Igreja Velha e do último dos inconfidentes de Minas” (FERREIRA *apud* MASSENA, 1951, p. 20).

Ainda na década de 1940 esses bens permaneciam sob a guarda dos sucessivos moradores da Fazenda do Registro Velho. Com a criação do Museu da Inconfidência em Ouro Preto, o então Governador de Minas Gerais, Dr. Bias Fortes, por solicitação do Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, obteve do proprietário da fazenda à época, Sr. Marcelino Pimentel, a doação de 48 peças de uso do Padre Manoel Rodrigues da Costa, classificadas em paramentos, ornamentos, pertences de altar e objetos devocionais. A relação de tais peças foi reproduzida por Nestor Massena e obedece a seguinte ordem: 3 manustérgios, 1 corporal, 1 pala de corporal, 2 sanguinhos, 3 amitos, 1 cingulo, 4 bolsas, 4 palas, 1 alva, 2 toalhas de altar, 4 manípulos, 2 estolas, 2 véus de cálice, 1 véu de sacrário, 2 casulas, 1 frontal, 2 dosséis de altar (5 peças); 1 cortina; 2 tapetes de

<sup>36</sup> AEAM – Caixa 1 de Patrimônio Local – Barbacena - Período 1896 (f. 1-8v).

<sup>37</sup> Pouco tempo depois, Francisco Rodrigues da Costa Alves e sua mãe, D. Maria da Costa Alves, colocaram a propriedade rural à venda, conforme anúncio veiculado na *Gazeta de Notícias*, de 2 de fevereiro de 1887, editada no Rio de Janeiro.

supedâneo, 1 mantelete, 1 aquífera para ofertório, 1 pedaço de galheta e 3 pedaços de terços (MASSENA, 1952, p. 101-102).

Contudo, nem todos os objetos que certamente compunham o acervo da antiga Capela do Registro Velho foram doados ao referido museu, permanecendo no local, pelo menos, a imagem de Nossa Senhora do Pilar, sua mais preciosa peça.

Conforme notícia o relatório do estudo realizado em junho de 1995 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com vistas ao tombamento federal da sede da Fazenda do Registro Velho, a escultura devocional seguiu na posse de um antigo morador da fazenda, que a retirou do oratório existente no interior da casa, quando vendeu o imóvel ao então proprietário entrevistado à época da pesquisa. O mesmo relatório também esclarece constar da discussão do projeto da lei que propunha o tombamento municipal da sede da fazenda a informação de que escultura de Nossa Senhora do Pilar ainda permanecia na cidade, em posse de uma família, despertando o interesse de muitos colecionadores brasileiros.

Até pouco tempo atrás, não se tinha notícia do paradeiro ou mesmo das características formais e estilísticas do orago da Capela do Registro Velho, segundo as fontes de consultas disponíveis. Entretanto, no ano de 2014, o Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena recebeu em doação uma antiga fotografia que, de certa forma, veio a preencher essa lacuna.

Tal documento, datado de maio de 1951, retrata uma escultura devocional e traz no verso uma importante dedicatória ao então pároco, Mons. Mário Quintão, permitindo estabelecer o vínculo da Imagem de Nossa Senhora do Pilar com a sua capela de origem. Esse registro foi de grande importância para o reconhecimento da peça no mercado de antiguidades.



Fig. 9 – Nossa Senhora do Pilar.  
Fonte: Acervo da Paróquia de N. Sra. da Piedade de Barbacena.

## 5. A ESCULTURA DE NOSSA SENHORA DO PILAR: DESCRIÇÃO, FORMA E ESTILO

A imagem de Nossa Senhora do Pilar é uma escultura retabular<sup>38</sup> [para o trono], de vulto pleno, representada em talha inteira e sem complementação de outros materiais<sup>39</sup>, com dimensões de 112 x 27 x 25 centímetros<sup>40</sup>.

Trata-se da representação de uma figura feminina de idade madura, de pé, em posição frontal, com o tronco discretamente inclinado para a sua direita. Cabeça ligeiramente voltada à esquerda e para baixo. Cabelos castanhos claros, bipartidos, estriados, aparentes à altura dos ombros e nas laterais. O rosto é oval, com carnação em tons róseos. Fronte larga e aparente, olhos castanhos, discretamente retesados e voltados para baixo, sobrancelhas finas, arqueadas e pintadas na mesma cor dos cabelos. Nariz reto, com narinas e fossas bem demarcadas. Sulco nasolabial ausente. Boca totalmente cerrada e pouco marcada. Sulco sublabial demarcando o queixo levemente alongado. As orelhas estão parcialmente à mostra, com fossas e lóbulos bem demarcados. Pescoço fino e aparente na posição frontal. O braço direito, afastado do corpo, é flexionado à frente e a mão segura a extremidade do manto com os dedos indicador e polegar, faltando-lhe os demais. O braço esquerdo é flexionado à altura do tórax, com a mão girada para dentro, sustentando uma figura infantil. As pernas são totalmente encobertas pelas vestes, sugerindo, contudo, uma discreta flexão do joelho direito e o volume dos pés sob dobras salientes. Traja uma túnica com movimentação mais contida, de gola redonda e sem decote, com mangas longas dobradas nas extremidades, deixando à mostra parte de uma segunda manga dourada, mais justa e estendida até o punho. A túnica possui coloração verde clara e ricamente decorada com motivos fitomorfos em tons de vermelho, verde e dourado, apresentando uma marcação de dobra logo abaixo do tórax. Um curto lenço dourado, de pontas arredondadas, pousa sobre a túnica e circunda os ombros, tendo as suas extremidades unidas à frente por um broche redondo. Envolvendo a túnica, um manto azul, de movimentação mais solta, com bordas

---

<sup>38</sup> Diz-se escultura “retabular” porque concebida para ser alocada em um ponto elevado e de destaque, geralmente em um nicho ou no trono de um retábulo. A representação da cabeça e do olhar ligeiramente direcionados para baixo permite uma comunicação visual direta com o fiel expectador, mesmo estando ele posicionado em um plano inferior.

<sup>39</sup> Utilizou-se, aqui, a criteriosa classificação de Coelho e Quites (2014, p. 39-57), segundo a qual, a imagem de vulto é a que se apresenta livre no espaço e trabalhada em todos os lados, permitindo ampla percepção no ambiente em que está inserida, sem estar presa a um plano de fundo. Já a representação em talha inteira diz respeito à escultura que é totalmente talhada, definida em única posição gestual, constituída de um ou vários blocos de madeira, com estrutura oca ou maciça.

<sup>40</sup> Dimensões divulgadas pela CPPC/MPMG. Disponível em: <<https://patrimoniocultural.blog.br/encontradas/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.



e decoração em dourado, visível em grande parte no verso e na lateral direita da obra, por cobrirem os terços médio e inferior. Visto frontalmente, o manto recobre o braço esquerdo, originando volumosas dobras que expõem o seu avesso de cor vermelha, também com bordas e decoração em dourado; já a outra extremidade surge por debaixo do cotovelo direito e é sustentada pela mão, formando uma pronunciada dobra em polígono<sup>41</sup>. Um curto véu dourado cobre parcialmente a cabeça, cai em dobra sobre o ombro direito e, na outra extremidade, se projeta para trás, em movimento esvoaçante. A figura está representada sob uma coluna de base quadrada, fuste liso e capitel da ordem toscana, policromada em tons terrosos, com veios assimétricos nas cores preta e laranja, tendo ao centro a representação de uma cruz latina, com ponteiros retangulares. Ostenta sobre a cabeça uma coroa prateada, de base circular, com decoração em relevo e vazada, fechada por quatro hastes curvas e arrematada por uma cruz.

Por sua vez, a figura infantil é representada sentada, em posição frontal, com o tronco levemente inclinado para sua esquerda e cabeça voltada ao centro. Cabelos castanhos claros, curtos, apresentando volumoso topete e mechas estriadas nas extremidades. O rosto é oval, com carnação em tons róseos, apresentando perdas. Fronte exposta, olhos castanhos e discretamente retesados, sobrancelhas finas, levemente arqueadas e pintadas da cor dos cabelos. Nariz reto, com fossas demarcadas. Bochechas proeminentes. Boca totalmente cerrada e pouco marcada. Sulco sublabial demarcando o curto e estreito queixo. As orelhas estão parcialmente à mostra, sem cavidades. Pescoço largo, curto e completamente à mostra. O braço direito, afastado do corpo, é flexionado à frente, com a mão em gesto de bênção. O braço esquerdo também afastado do corpo é levemente flexionado e voltado para baixo, com a mão girada para dentro, sustentando um pássaro de asas recolhidas e cabeça voltada à esquerda. Ambas as pernas são flexionadas, estando a esquerda cruzada sobre a direita. O tronco e os membros são bem anatomizados, colocando em evidência a composição corporal da figura representada completamente sem vestes.

---

<sup>41</sup> Denominação da dobra extraída do vocabulário utilizado por Leftz (2006, p. 99-111).



Fig. 10 – Nossa Senhora do Pilar. Fotos: Acervo da CPPC/MPMG. Montagem elaborada pelo autor.

Do ponto de vista formal, as linhas mestras da composição revelam a prevalência de curvas e diagonais, conferindo movimentação à peça. A representação anatômica é coerente, apresentando um cânone de aproximadamente sete cabeças. O contraposto é bem resolvido, merecendo atenção a ligeira flexão da perna direita que repercute na movimentação do quadril, tronco e ombros<sup>42</sup>.

Esses aspectos permitem atribuir à escultura os predicados de uma fatura erudita, pois denotam o claro domínio da técnica pelo artífice e sua capacidade de soluções, valendo destacar a utilização de olhos de vidro em ambas as figuras, os frisos reentrantes e mechas na representação do cabelo, o gestual solene e majestático, as expressões faciais e o movimento ilusório do panejamento.

Soma-se a isso a qualidade do estofamento, que bem se ajusta à estilística da talha do suporte em madeira, particularmente pela execução de complexa policromia<sup>43</sup>, com possível

<sup>42</sup> Conforme observa Hill (2012, p. 2), “enquanto o peso do corpo assenta sobre uma das pernas (perna apoiada), a outra, estando livre, desempenha a função de um esteio elástico, possibilitando uma representação anatômica dinâmica e natural”.

<sup>43</sup> Levanta-se, aqui, a hipótese de o marmorizado ser uma antiga repintura, pois ele não segue o mesmo requinte do tratamento decorativo dispensado às personagens representadas.

douramento total em folha de ouro, e o emprego de múltiplas técnicas ornamentais, como o esgrafito, as punções e a “pintura a pincel”<sup>44</sup>, esta limitada à decoração da túnica.

Do contexto desses elementos composicionais da forma é possível inferir que a escultura e sua policromia seguem os padrões estilísticos próprios do barroco luso-brasileiro, com forte apelo visual na representação do tema, onde retórica está calcada na persuasão pelo triunfalismo e pela teatralidade.

Igualmente, pode-se cogitar que a fatura é típica da primeira metade do Setecentos, pois o gestual e a sóbria movimentação das vestes ainda sugerem certa reminiscência do gosto escultórico do final do século imediatamente anterior. Também é factível a hipótese de se tratar de peça produzida por oficina portuguesa ou por algum português radicado na colônia, como bem evidencia Marcos Hill:

No Brasil da primeira metade do século XVIII, a escultura de vulto com qualidades eruditas, quando não adquirida diretamente em Portugal, era produzida na Colônia por mestres portugueses aí radicados. Há uma distinção qualitativa a ser observada, sobretudo nas análises comparativas feitas entre obras atribuídas a esse período. (HILL, 2012, p. 2).

Nesse sentido, a escultura devocional em questão apresenta traços importantes que a distinguem daquelas produzidas pela denominadas “oficinas regionais” ativas em Minas Gerais, em sua grande maioria, a partir da segunda metade do século XVIII ou mesmo dos exemplares setecentista ainda presente no seu município de origem e adjacências.

---

<sup>44</sup> A “pintura a pincel”, segundo de Coelho e Quites (2014, p. 88), “é executada com pincel fino sobre partes coloridas do esgrafito, para destacar motivos fitomorfos, em representações de flores, ramos e folhas; ou para a representação completa desses elementos, com pincéis de espessura variada, tanto na primeira, quanto na segunda metade do século XVIII.”

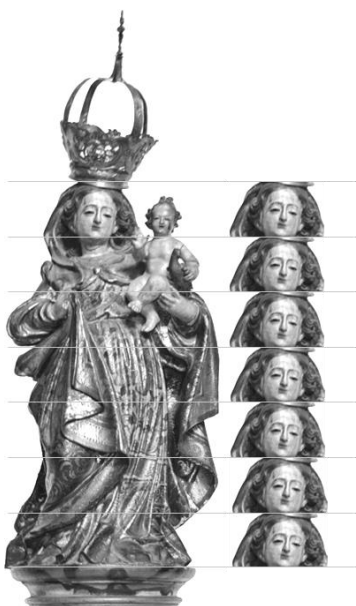


Fig. 11 - Cânone. Foto: Acervo da CPPC/MPMG. Montagem elaborada pelo autor.

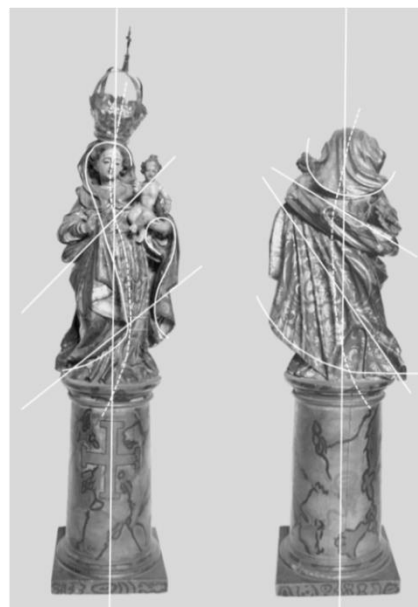


Fig. 12 - Linhas mestras da composição. Foto: Acervo da CPPC/MPMG. Montagem elaborada pelo autor.

## 6. A ICONOGRAFIA DE NOSSA SENHORA DO PILAR E A DIFUSÃO DO CULTO NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS

A iconografia de Nossa Senhora do Pilar está relacionada a uma antiga devoção católica acerca da primeira aparição da Virgem Maria, ocorrida antes mesmo da sua morte e assunção. Segundo a tradição, o fato se passou na noite do dia 2 de janeiro do ano 40, às margens no rio Ebro, em César Augusta [atual Saragoça], na província romana da Hispânia, onde o apóstolo Tiago “Maior” se encontrava para anunciar o Evangelho de Cristo. Reunido em oração com os seus poucos discípulos, foi ele confortado e encorajado pela mãe de Jesus, que lhe incumbiu de construir, naquele exato lugar, um templo em sua honra.

Frei Agostinho de Santa Maria, em seu célebre *Santuário Mariano*, narra o episódio<sup>45</sup>:

Aqui estando o Santo, e os seus Discípulos, alta noite em Oração, lhe apareceu Maria Santíssima (acompanhada de um lustroso esquadrão de Celestiais Espíritos, que com uma suave música a louvavam, e engrandeciam) e lhe disse em como era vontade do Altíssimo, que naquele lugar se lhe edificasse um Templo, em que ela havia de ser venerada. Traziam os Santos Anjos já prevenida uma Imagem da mesma Senhora, que eles haviam fabricado, que servia de peanha uma coluna de jaspe. Essa Santa Imagem lhe ordenou a Senhora a colocasse no novo Templo, porque nele obraria Deus muitas

<sup>45</sup> Transcrição conforme a ortografia atualizada.

maravilhas e se fariam patentes os tesouros da sua Divina misericórdia. (SANTA MARIA, 1707, p. 19-20)

Essa devoção ganhou vulto e popularidade ao longo dos séculos, sendo o primitivo templo reconstruído e ampliado sucessivas vezes, até se transformar na grandiosa Basílica de Saragoça. “Muito venerada e presenteada por Reis e Papas, o culto a Nossa Senhora do Pilar espalhou-se mundo a fora, sobretudo no período filipino, sendo-lhe atribuídos portentosos milagres” (MOTT, 1993, p. 14).

Na pequena imagem gótica<sup>46</sup> entronizada sobre o Pilar que se venera em Saragoça, a Virgem é representada sustentando o Menino Jesus com o braço esquerdo. Tal escultura tornou-se um verdadeiro protótipo para as muitas representações da Senhora do Pilar utilizadas na propagação do seu culto. Contudo, o Menino Jesus é um elemento iconográfico que, segundo Andrés e Mainar (2008, p. 65-84), somente se tornou habitual no final do século XV, por influência daquela efígie. Os mesmos autores ainda esclarecem que na decoração do busto-relicário de São Bráulio, Bispo de Saragoça, acha-se a mais antiga representação conhecida do tema, com maior fidelidade à tradicional narrativa da aparição, já que, ao tempo do ocorrido, Maria ainda vivia em carne mortal e Jesus já havia ressuscitado e ascendido ao céu.



Fig. 13 – “Virgen del Pilar”, venerada na Basílica de Saragoça. Fonte: *El Pilar* (2000).

Mas o elemento essencial e invariável na representação, como não poderia deixar de ser, é o denominado pilar que, conforme observa Schenone (2008, p. 471), na verdade é uma coluna de jaspe, sobre a qual a Virgem apareceu a São Tiago.

Questão não muito explorada no estudo da iconografia pilarista diz respeito ao significado do pássaro que o Menino Jesus traz à mão, nas representações mais difundidas do tema. Por vezes, a ave é descrita como sendo uma pomba, uma rola ou mesmo um passarinho. Uma alusão ao Espírito Santo soa pouco factível, pois a pomba não é representada em gestual glorioso e tal arranjo não faz muito sentido à luz do dogma trinitário. Eduardo Etzel destaca a referência que

<sup>46</sup> Estudos recentes atribuem a autoria da peça a Juan de la Huerta (SCHENONE, 2008, p. 471).

Louis Reau faz ao pássaro como algo meramente lúdico na mão do Menino<sup>47</sup>, embora originalmente ele simbolizasse a alma salva, redimida por Deus. Conjugando esse elemento iconográfico com aquele dá título a invocação mariana, o referido autor propõe uma interessante interpretação: “[...] a imagem de N. Sa. do Pilar encerra em si mesma toda a simbologia cristã - a poderosa e indestrutível fé (o pilar) e a missão redentora de Jesus, a alma salva do pecado (o pássaro)” (ETZEL, 1999, p. 2).

O culto à Nossa Senhora do Pilar, apesar de fortemente difundido na Espanha - de quem é padroeira - não teve a mesma expressão em Portugal, “porquanto não poderiam os portugueses apelar em suas lutas com Castela para a mesma Senhora que já tinha compromissos com seus adversários, do outro lado das agitadas fronteiras que o separavam” (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 51); contudo, há registro dessa devoção provavelmente ainda no tempo do Ducado portugalense<sup>48</sup>. Já no Brasil, mesmo depois do fim do domínio filipino em Portugal e a ascensão da dinastia dos Bragança, o culto à Virgem do Pilar foi propagado em diversas regiões no curso do século XVII<sup>49</sup>, sendo erigidos altares, capelas e igrejas na Bahia, Sergipe, Recife, Olinda e Rio de Janeiro. (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 52).

Em Minas Gerais, a devoção ao Pilar aparece nos primórdios da ocupação mineradora, dando ensejo à construção de importantes igrejas paroquiais e capelas, bem como a fundação de irmandades religiosas<sup>50</sup>. A precursora das imagens devocionais em terras mineiras, segundo Augusto de Lima Júnior, “foi a do arraial do Ouro Preto, que deverá ter vindo de São Paulo na bandeira de Bartolomeu Bueno, pois tem modelo de escultura castelhana do século XVII” (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 54). Para além das conhecidas Matrizes de Vila Rica e São João del-Rei, também foram construídos, sob a invocação de Nossa Senhora do Pilar, os templos de Pitangui, do Arraial de Gaspar Soares [Morro do Pilar], do Taquaral [Ouro Preto], do Hospício

---

<sup>47</sup> Talvez, aqui, seja uma alusão à conhecida narrativa apócrifa da infância de Jesus no Evangelho Pseudo-Tomé [capítulo 2], quando o Menino, brincando à beira de um riacho, moldou alguns passarinhos de barro e ordenou que voassem.

<sup>48</sup> Segundo Lima Júnior (2008, p. 51-53), na Aldeia de São João de Rei, localizada ao norte de Portugal, na região do Minho, Conselho de Póvoa do Lanhoso, numa arcaica capela em estilo românico, já existia um imagem de Nossa Senhora do Pilar, de pedra, medindo três ou quatro palmos, cópia da que se venera na basílica de Saragoça. O referido autor faz uma curiosa associação entre o nome dessa vila portuguesa, berço de numerosos imigrantes que povoaram a região do Rio das Mortes, e o da cidade mineira de São João del-Rei.

<sup>49</sup> Das diversas invocações marianas de origem ou influência espanhola difundidas no Brasil, Nossa Senhora do Pilar foi uma das que teve maior expressão. Além desta, Mott (1993, p. 13-21) referencia outras: Senhora de Montserrat, das Mercês, de Guadalupe, das Candeias [Candelária], das Cabeças, de Copacabana, do Ó [Expectação], da Oliveira e a Divina Pastora.

<sup>50</sup> “Nas Minas Gerais existiram ao todos quatro irmandades consagradas a esta augusta devoção” (MOTT, 1993, p. 15). Uma delas, conforme registrado por Santa Maria (1723, p. 243), se originou a partir do expressivo culto ao Pilar em São Bartolomeu, próximo a Ouro Preto.



Fig. 14 – Esculturas de vulto, datáveis do início do século XVIII, de procedência mineira: 1) Matriz de São Bartolomeu; 2) Matriz do Pilar de Ouro Preto; 3) Matriz do Pilar de São João del-Rei. Fonte: Coelho (2017). Montagem elaborada pelo autor.

da Terra Santa de Sabará, da Freguesia de Congonhas de Sabará [Nova Lima], do Padre Gaspar [Tiradentes], do Registro Velho [Barbacena], dentre outras capelas e ermidas rurais.

A devoção à Nossa Senhora do Pilar é, portanto, uma das mais antigas em Minas Gerais e foi amplamente propagada durante o apogeu da mineração setecentista. Na tentativa de justificar a sua difusão neste território, há quem sustente que a Virgem do Pilar seria padroeira dos mineradores, “que identificavam o pilar com as rochas e terras auríferas que lavravam” (ETZEL, 1999, p. 2), muito embora esse título seja tradicionalmente atribuído à Santa Bárbara. Uma hipótese diversa pode ser levantada a

partir de um importante relato de época, o qual associa tal invocação mariana à proteção daqueles que circulavam em longas travessias pelos caminhos oficiais. Referindo-se à igreja paroquial de Morobahy [Pilar do Iguaçu] - localizada próxima ao Rio de Janeiro, em importante ponto de passagem daqueles que tomavam o caminho para Minas Gerais - Frei Agostinho de Santa Maria deixou registrado em seu *Santuário Mariano*<sup>51</sup>:

Subindo pelo Rio Guaguasu acima, na barra de um braço dele, cujo sitio se chama Morobahy, e saindo fora se vê logo o Santuário, e a Casa de nossa Senhora do Pilar, é esta Casa Paróquia, e Vigairaria paga por El Rey, e é o porto aonde desembarcam os que da Cidade do Rio de Janeiro vão diretos às Minas gerais do ouro, e aonde os mineiros embarcam para a mesma Cidade, quando se recolhem delas. Este é o lugar aonde principalmente começam a caminhar, ainda que algumas vezes passam em canoas as cargas, daqui para outro porto mais acima, aonde não podem chegar as lanchas.

É esta Santíssima Imagem de muito grande devoção, e o título a está inculcando. Todos os que vão aquele porto, se vão logo a encomendar à Rainha dos Anjos, a Senhora do Pilar, para que ela os livre de todos os perigos, e os favoreça, e ela os favorece; porque os que com viva fé o fazem confessam as suas maravilhosas assistências, ali lhe vão a oferecer as suas ofertas agradecidos das suas mercês e favores. (SANTA MARIA, 1723, p.205)

Seja como for, o Pilar ficou na história de Minas como um sinal visível da fé dos primeiros povoadores, que na religião buscavam o mesmo conforto e alento recebido por São Tiago para

<sup>51</sup> Transcrição conforme a ortografia atualizada.

prosseguir por caminhos tortuosos e desconhecidos, na busca da realização de um incomensurável ideal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O êxito de toda ação de preservação patrimonial passa, em grande parte, pelo acesso à informação, o fortalecimento do vínculo de identidade cultural e o despertar do sentido de pertencimento.

Apesar da relevância histórica e cultural da Fazenda do Registro Velho, houve um exponencial declínio de sua memória, desencadeando, no curso de vários anos, severas perdas materiais e imateriais de difícil ou incerta reparação. A primitiva Capela de Nossa Senhora do Pilar também “ruiu” no imaginário coletivo, pois sua existência já não é conhecida pelas atuais gerações, e o que restou da antiga sede da fazenda clama, há tempos, por cuidado e efetiva proteção.

A imagem de Nossa Senhora do Pilar do Registro Velho constitui, pois, um elemento singular para fomentar o resgate da memória cultural/religiosa e a preservação daquele sítio histórico, pois é o seu único remanescente artístico e, ainda, um testemunho raro da chegada do catolicismo naquela região. As características formais/estilísticas e a erudição dessa fatura denotam, de certa forma, a importância que a Capela do Registro Velho assumiu nos primórdios da colonização mineira, pois jazia à margem do Caminho Novo, lugar de passagem constante e pouso daqueles que circulavam entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro.

Além disso, tal escultura é de extrema relevância para o estudo da iconografia de Nossa Senhora do Pilar em Minas Gerais, que ainda merece ser aprofundado, sobretudo, a partir da intensa devoção estabelecida nas principais vilas e arraiais da Capitania, bem como no curso dos caminhos oficiais.

Que este breve estudo possa contribuir minimamente para um novo olhar sobre os remanescentes desse patrimônio esquecido, na esperança sincera de tempos melhores.

## **REFERÊNCIAS**

AEAM - Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Livro de Obras da Freguesia de N. Sra. da Piedade de Barbacena (1726-1750), C-17.



\_\_\_\_\_. Livro da Irmandade do Santíssimo da Freguesia de N. Sra. da Piedade - Barbacena (1747-1795), C-27.

\_\_\_\_\_. Caixa 1 de Patrimônio Local - Barbacena (Capela de N. S. Pilar da Borda do Campo) - Período 1896, f. 1-8v.

ANDRÉS, Maria Teresa Ainaga; MAINAR, Jesús Criado. El busto relicario de San Braulio (1456-1461) y la tradición de la venida de la Virgen del Pilar a Zaragoza. *Aragón en la Edad Media*. n. XX, p. 65-84, 2008.

AUTOS de devassa da Inconfidência Mineira. Introdução de Lafayette Luiz Doorgal de Andrada. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2016. 11 v.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BLUTEAU, D. Rafael. *Diccionario da Lingua Portugueza*. tomo I. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Arte Sacra no Brasil Colonial*. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CASTELNAU, Francis. *Expedições às regiões centrais da América do Sul*. Tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto. tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos (Org.). *Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2017.

COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. *Estudo da escultura devocional em madeira*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

COSTA, Antônio Gilberto. Registros do Caminho Novo para as minas de ouro nos mapas antigos. *Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*, 4 a 7 de Novembro de 2015. Braga, Portugal.

COSTA, Manoel Rodrigues da (Trad.). *Tractado da cultura dos pessegueiros*. Lisboa: Typografia Chalcographica e Litteraria do Arco do Celgo, 1801.

CPPC - Coordenadoria das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais. Patrimônio encontrado. Disponível em: <<https://patrimoniocultural.blog.br/encontradas/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

ETZEL, Eduardo. O pássaro na Nossa Senhora do Pilar. *Boletim do CEIB*, v. 3, n. 12, p. 1-2, set. 1999.

GAZETA de Notícia, ano XIII, n. 33. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1887, p. 4.

HILL, Marcos. Forma, erudição e contraposto na imaginária colonial luso-brasileira. *Boletim do CEIB*, v. 16, n. 52, p. 1-6, jul. 2012.

JARDIM, Conceição (C. Garden). *Barbacena*. Rio de Janeiro: Oficinas de A Noite, 1940.

LEFFTZ, Michel. Análises morfológicas dos drapeados na escultura portuguesa e brasileira: método e vocabulário. In: *Imagem Brasileira*, n. 3, 2006.

LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais: origem das principais invocações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora PUC Minas, 2008.

MARTINO, José Antônio. *1789 – A Inconfidência Mineira e a vida cotidiana das Minas do século XVIII*. Excalibur Editora, 2014.

MARTINS Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974. 2 v.

MASSENA, Nestor. *Barbacena: a Terra e o Homem*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985. 2 v.

\_\_\_\_\_. *A Igreja em Barbacena: achêgas para a sua cronografia*. Rio de Janeiro, 1952.

MAWE, John. *Travels in the Interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts of that Country*. Philadelphia: M. Carey; Boston: Wells and Lilly, 1816.

MOTT, Luiz. *A influência da Espanha na formação religiosa do Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Barroco e Rococó do Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2014.

PROENÇA, Eduardo de (Org.). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. v. 1. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

REAL, Regina M. *Dicionário de Belas Artes: termos técnicos e matérias afins*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962, 2 v.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*. tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano, e Historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora*. tomo I, Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galraõ, 1707.

\_\_\_\_\_. *Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora*. tomo X, Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1723.

SANTÍSSIMA TRINDADE, Dom Frei Dom José da; POLITO, Ronald. *Visitas Pastorais de Frei Dom José da Santíssima Trindade – 1821-1825*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Fazenda do Registro Velho: Distrito de Sá Fortes, Barbacena – MG*. 10 f. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 13ª Coordenação Regional – MG, jun. 1995.

SCHENONE, Héctor. *Iconografía del Arte Colonial: Santa María*. Buenos Aires: Educa, 2008.

SECALL, D. Mariano Nougues. *Historia critica y apologética de la Virgen Nuestra Señora del Pilar de Zaragoza y de su templo y tabernáculo desde el siglo I hasta nuestros dias*. Madrid: Imprenta de D. Alejandro Gomez Fuentenebro, 1862.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (Org.). *Os Diários de Langsgorff*. Tradução de Márcia Lyra Nascimento Egg e outros. v. 1. Campinas: Associação Internacional de Estudos Lagnsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

SUPLEMENTO de la revista *El Pilar*. ano CXVIII, n. 5.110, Zaragoza, out. 2000.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

VALE, Paulo de Carvalho. *De Prados, da Ponta do Morro, para a Liberdade*. Belo Horizonte. Armazém de Ideias, 2000.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1904.

VASCONCELLOS, Sylvio de. A arquitetura Colonial Mineira. In: *Barroco*, n. 10. Belo Horizonte: UFMG, 1978-1979.

VIAGEM do Imperador D. Pedro I a Minas-Geraes em 1830 e 1831. In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. tomo LX, parte I. Rio de Janeiro: Companhia Typográfica do Brazil, 1897.

WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. v. 2. London: Frederick Wstley and A. H. Davis, 1830.